FACULDADE DO BAIXO PARNAIBA (FAP)
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCISCA ROSINALVA CARDOSO PEREIRA COSTA
JAIRA RAYNYELLE GOMES GONÇALVES DOS SANTOS

AS CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO

Chapadinha
2015

FRANCISCA ROSINALVA CARDOSO PEREIRA COSTA
JAIRA RAYNYELLE GOMES GONÇALVES DOS SANTOS

AS CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do Grau de Licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Profª Ms. Francinalda Araújo Silva

Chapadinha
2015

FRANCISCA ROSINALVA CARDOSO PEREIRA COSTA
JAIRA RAYNYELLE GOMES GONÇALVES DOS SANTOS

AS CAUSAS DO FRACASSO ESCOLAR NA ALFABETIZAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Faculdade do Baixo Parnaíba, para obtenção do Grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª Ms. Francinalda Araújo Silva (Orientadora)
Mestre em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais
Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

À nossa família, pelo incentivo e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de graça e vida, pela força e sabedoria que nos conferiu.

À nossa família, pelo incentivo dado ao nosso aperfeiçoamento profissional.

À nossa orientadora, Francinalda Araújo Silva, pela confiança e orientação segura.

À Professora Raimunda Nonata Fortes Braga, pela confiança e incentivo nesta jornada.

Há escolas que são gaiolas e há escolas quesãoasas.

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo principal discutir acerca das causas do fracasso escolar na alfabetização. O trabalho abordou questões relacionadas ao processo de aquisição da leitura e da escrita, bem como fatores que corroboram para o fracasso escolar na alfabetização. Aborda, também, sobre o papel da escola nesse processo.Quanto à metodologia, a pesquisa classifica-se como qualitativa, quanto aos objetivos, como exploratória e quantos aos meios, como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Como instrumentos de coleta de dados, utilizou-se questionários que foram aplicados com 4 (quatro) professores que atuam no 2º ano de uma escola pública de Buriti-MA. Os resultados apontam um número alto de alunos que ainda não leem e nem escrevem convencionalmente, portanto, não estão alfabetizados. Como fatores que corroboram para esta situação destaca-se o despreparo de alguns professores, a falta de apoio da família e também da Secretaria de Educação que não investe em cursos de formação continuada para esses professores, pois esta seria uma medida bastante eficaz para minimizar o problema do analfabetismo.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Alfabetização. Letramento. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

This work aimed to discuss about the causes of school failure in literacy. The work addressed issues related to the acquisition of reading and writing as well as factors that support for school failure in literacy. Addresses also on the school's role in this process. As for the methodology, the research is classified as qualitative, as the goals as exploratory and how the media such as literature and field research. As data collection instruments, we used questionnaires that were applied to four (4) teachers who work in the 2nd year of a public school in Buriti-MA. The results show a high number of students who have not read nor write conventionally, therefore, are not literate. As factors that corroborate this situation highlights the unpreparedness of some teachers, the lack of support from family and also from that Department of Education does not invest in continuing education courses for these teachers, as this would be a very effective measure to minimize problem of illiteracy.

Keywords: School failure. Literacy. Literacy. Reading. Writing.

SUMÁRIO

		p
1	**INTRODUÇÃO**.....	9
2	**HISTÓRICO DAALFABETIZAÇÃO**.....	12
3	**CONCEPÇÕESDE ALFABETIZAÇÃO**.....	15
3.1	**O fracasso escolar na alfabetização**.....	19
4	**A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM E ALFABETIZAÇÃO**.....	24
5	**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO:** conceitos e relações.....	31
6	**A PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS**.....	36
6.1	**Caracterização da escola-campo**	36
6.2	**Resultados e discussão**	38
7	**CONCLUSÃO**.....	46
	REFERÊNCIAS	50
	APÊNDICE	52

1 INTRODUÇÃO

Aprender a ler e escrever é apropriar-se do código linguístico, é tornar-se um usuário da leitura e da escrita. Sem deixar de lado questões como a revisão de uma fundamentação teórica que sustente um trabalho de ação pedagógica eficaz e contemporâneo, a formação de professores efetiva e permanente que hoje estão em sala de aula, todos de uma maneira geral concordam que a alfabetização é uma questão fundamental a ser analisada.

Leitura e escrita são instrumentos básicos para o ingresso e participação na sociedade letrada. São ferramentas para compreensão e realização da comunicação do homem na sociedade contemporânea e a chave para a apropriação dos saberes já conquistados pela humanidade. Por meio da alfabetização, o homem se torna um ser global, simbólico, social, um cidadão inserido na civilização moderna, com o domínio dos símbolos da comunicação humana.

Mas, afinal de contas, o que é alfabetizar? É copiar palavras? Fazer letra bonita? Saber o nome das letras? Descobrir o significado das coisas escritas? Ler o mundo? Quem é alfabetizado? Quando é que se pode dizer que uma pessoa está alfabetizada? Quando ela for capaz de decifrar algumas placas de trânsito? Copiar um bilhete? Ou simplesmente assinar o próprio nome, como se ainda usasse a impressão digital? Quem é o alfabetizador?

Normalmente, o alfabetizador desenvolve seu trabalho sem saber o que vem a ser o processo de aquisição da linguagem escrita, e considera sua tarefa cumprida, quando termina o conteúdo. Isso pode gerar a ideia de que ler é apenas decodificar e escrever é simplesmente copiar.

Assim, nessa visão de leitura e escrita, o educando está alfabetizado quando decifra mecanicamente a correspondência entre letras e sons e executa cópias. Esse tipo de trabalho não oferece condições, para que o professor possa questionar os motivos pelos quais alguns alunos conseguiram conquistar a linguagem e outros não. Não há um entendimento sobre como a criança se relaciona com o objeto da aprendizagem, que é a língua.

Essa dificuldade de entender o processo de alfabetização faz com que o educador não tenha como avaliar seu trabalho, buscar o porquê, uma maneira de

intervir e propor soluções para interagir de forma consciente com a construção de sentido do código linguístico.

A alfabetização é um processo complexo que possibilita muitas dúvidas a todo momento, por isso o importante é que os professores tenham sensibilidade para observar e intervir no processo de aprendizagem de cada aluno, estando sempre atentos ao que as novas teorias e pesquisas sobre a aquisição da linguagem apontam como possibilidade de inovação.

Em função dessa realidade educacional identificada com base nas colocações referidas e com o intuito de minimizar tal realidade, buscou-se, a partir desse trabalho, discutir acerca das causas do fracasso escolar na alfabetização, esclarecendo questões relacionadas ao processo de construção da leitura e da escrita, bem como, a função da escola nesse processo.

Para tanto, desenvolveu-se a pesquisa em dois momentos específicos. No primeiro, obedeceu-se a uma metodologia que priorizou, especificamente, a pesquisa bibliográfica.

Assim, nesta mesma etapa, fez-se um estudo minucioso dos principais teóricos da área como: Ferreiro e Teberosky (1985), Freire (1982), Cagliari (1998), Soares (2006), Solé (2009), Arroyo (2001) dentre outros que possibilitaram desviar o centro do processo ensino e aprendizagem que antes era tradicionalmente o professor, para o ser que aprende – a criança e sua relação com o objeto de aprendizagem – a língua.

No segundo momento, cedeu-se espaço para o levantamento de opiniões de professores alfabetizadores, efetivado através da pesquisa de campo.

Esse tipo de pesquisa foi realizada com o objetivo de se identificar a metodologia utilizada por esses profissionais para alfabetizar seus alunos, bem como as dificuldades e desafios encontrados ao longo desse processo tão complexo que é a alfabetização.

Destaca-se a importância de o professor conhecer as concepções que a criança desenvolve a respeito da língua escrita, deste modo, poderá tornar-se um mediador, propondo atividades e questionamentos que levem a criança a desestruturar o pensamento, isto é, a duvidar de suas ideias, colocar em conflito suas certezas sobre os símbolos escritos e, comparando e refletindo, elaborar uma hipótese linguística. Assim, através de conflito, assimilação e acomodação, o

educando chega à hipótese alfabética e depois, passo a passo, busca a convencionalidade ortográfica e gramatical.

Como instrumento de pesquisa, foi utilizado um questionário que constou de perguntas abertas e fechadas.

Convém ressaltar que o universo deste estudo foi representado pelos professores que atuam na 2º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal da cidade de Buriti-MA. Os professores, ora pesquisados, têm formação em nível superior, porém somente três, dos 4 (quatro), são formados em Pedagogia, portanto, nem todos estão habilitados para trabalhar com a alfabetização.

No que se refere à estrutura do trabalho, este foi organizado em tópicos: O primeiro foi de caráter introdutório. No segundo, foi traçado o histórico da alfabetização. No terceiro, foram abordadas algumas concepções de alfabetização, aclarando, assim, que o processo de alfabetização, enquanto construção do conhecimento, é uma tarefa crucial, tanto para crianças, quanto para professores. Em seguida, fez-se uma abordagem sobre o fracasso escolar na alfabetização. No quarto tópico, abordou-se sobre “A aquisição da linguagem escritae o processo de alfabetização”, considerando que a aquisição da linguagem é um campo que poderá auxiliar o alfabetizador na tarefa de “ensinar a língua materna”. Neste mesmo tópico, foram feitas algumas considerações sobre o papel da escola neste processo. O quinto tópico fez algumas considerações acerca do processo de alfabetização e letramento. No sexto tópico, constam os resultados da pesquisa junto aos professores alfabetizadores. Por fim, o sétimo e último tópico, fez algumas considerações finais acerca da temática abordada e apresentou algumas alternativas de superação para os problemas apresentados.

2 HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO

A década de 70 é marcada pela garantia de acesso de todos à escrita, levando em conta o ano de 1789 como propulsor da associação mais durável entre a alfabetização e a escola, uma vez que no ano de 1989, completou 200 anos de sucesso e fracassos que marcaram o percurso da instituição escolar nos seus objetivos de segurança a todos o direito a escrita sem discriminação. Assim, segundo o autor, o ano de 1789 é considerado o início da história da alfabetização (BARBOSA, 1994).

Ainda segundo Barbosa (1994), garantir o ensino da escrita comum a todos é um objetivo desejado há muitos anos, mas, somente com o estabelecimento da escola republicana que a opinião no ideal de “escolarizar para alfabetizar” se torna consolidado. Até o momento, tanto a instituição escolar quanto o ensino da escrita tiveram formas bastante divergentes, uma vez que, horas se juntavam e se misturavam, outras se mantinham afastadas tornando-se independente, ademais, a responsabilidade de alfabetizar cabia ao país.

Barbosa (1994, p. 16), ressalta ainda que:

> Com a escola republicana essas linhas se entrelaçam e se emaranham formando a trama; enquanto crianças são transformadas em alunos, aprender a escrever se sobrepõe a aprender a ler; ler, de agora em diante, se aprende escrevendo. Nasce a concepção do processo de alfabetização que herdamos e que, se solidificando no tempo, não nos permitiu sequer imaginar que outra concepção pudesse existir.

Com base nas considerações do autor, a concepção de alfabetização durante anos foi conceituada de maneira confusa e diferente da visão de hoje, uma vez que, a escrita e a leitura eram ensinadas separadamente, sem na verdade se preocupar com a educação do sujeito. Ademais,o ensino era privado, individual e desenvolvido pelo *“preceptor”*, que segundo o autor, era o professor encarregado de ensinar as crianças.

Barbosa (1994, p. 16), referindo-se ao ensino de leitura e escrita destaca que:

> Sendo a leitura e a escrita concebidas como aprendizagens individuais e distintas, somente as crianças cujos pais pudessem custear um preceptor eram iniciadas na arte de traçar as letras no papel – e isso, depois de longos anos de aprendizagem da leitura. Até os mestres escolares eram então especializados; havia aqueles que ensinavam a ler, outros ensinavam

> a escrever e outros, ainda, só a contar.

Nesse sentido, devido o ensino de leitura e escrita ser ensinados separadamente, apenas os alunos filhos de pais abastardo tinha condição de pagar o ensino das letras. Vale ressaltar que,o ensino da escrita só acontecia após anos e anos do ensino de leitura. Os professores responsáveis pelo ensino tinham uma formação específica, ou seja, para cada tipo de ensino havia um professor especializado na área.

Referindo-se também a alfabetização Pérez (2008), ressalta que a concepção sobre alfabetização ao longo dos tempos tem sofrido também mudanças, devido as grandes transformações ocorridas em vários aspectos sociais, políticos e econômicos.

Pérez (2008, p. 179 grifo do autor) enfatiza que:

> Na antiguidade o conhecimento era transmitido oralmente. O ensino tinha como fundamento o diálogo entre mestre e aprendiz, vindo a ser, posteriormente, registrado por escrito, devendo ser fielmente reproduzido. A escrita era concebida como forma de registro da fala e a ela estava subordinada. É importante assinalar que mesmo secundarizada em relação à oralidade, boa parte da população (masculina) da Grécia e da Roma Antiga, dominava a leitura: ler era necessário para conferir os registros, já escrever era uma atividade menor, um saber pouco valorizado.

Percebe-se que em tempos passados a leitura e a escrita foi privilégio apenas de alguns, embora tivesse entre professor e aluno uma relação dialógica, o conhecimento era uma mera reprodução, a escrita era dissociada da leitura. O ensino da época tratava as duas práticas de maneira isoladas, não dando à escrita o valor devido, uma vez que, só depois de o sujeito dominar a linguagem oral é que treinava a escrita.

Ainda segundo Pérez (2008, p. 179, grifo do autor): “[...] As obras eram raras e as sessões de leitura, longas – a leitura de uma obra durava meses – sua reprodução era mais longa ainda, pois os *volumen s*eram copiados manualmente e guardados em bibliotecas públicas e privadas”.

Nota-se que na antiguidade o contato com materiais escritos não era algo tão comum, e quando as pessoas tinham a oportunidade de ter esse privilégio, passavam bastante tempo lendo a obra, e após esse tempo o leitor passava ainda mais tempo reproduzindo através da escrita aquilo que tinha lido. Portanto, evidencia-se mais uma vez que, essa técnica utilizada na época era um tanto

enfadonha e meramente mecânica.

Sobre a alfabetização, Ferreiro (1999, p.21 grifo do autor) destaca que:

> Tradicionalmente, conforme uma perspectiva pedagógica, o problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido exposto como uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do “melhor” ou “mais eficaz” deles, levantando-se assim, uma polêmica em torno de dois tipos fundamentais: métodos sintéticos, que partem de elementos menores que a palavra, e métodos analíticos, que partem da palavra ou de unidade menores [...].

Compreende-se que o processo de alfabetização é confundido durante muito tempo pela forma que muitos educadores adotam em sua prática educativa, em querer desempenhar um trabalho satisfatório terminam por utilizar métodos que não permite ao sujeito fazer uma leitura acerca da leitura, tornando assim o ato de ensinar a ler e a escrever um grande problema.

Desse modo, faz-se necessário que os educadores adquiram conhecimentos teóricos aprofundados sobre concepções de alfabetização a fim de adotar em suas práticas metodologias que ajude a seu aluno desenvolver suas habilidades de linguagem oral e escrita.

3 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é uma atividade transformadora e não apenas uma simples habilidade de ler e escrever tecnicamente. A alfabetização é ação necessária ao homem a fim de que ele participe criticamente do mundo no qual ele vive.

Ratificando o exposto, Macedo e Pinto (2003, p. 12) destacam que:

> A criança, desde o seu nascimento, interage com o meio onde estáinserida e já está iniciando seu processo de construção do conhecimento e de leitura do mundo. Este processo de construção do conhecimento influenciará mais tarde sua alfabetização, isto é, a aprendizagem da leitura e da escrita

De acordo com Freire (1990, p. 7 grifo do autor) a alfabetização:

> É parte do processo pelo qual alguém se torna autocrítico a respeito da natureza historicamente construída de sua própria experiência. Ser capaz de nomear a própria experiência. Ser capaz de nomear a própria experiência e parte do que significa "ler" o mundo e começar a compreender a natureza política dos limites bem como das possibilidades que caracterizam a sociedade mais ampla. .

Com base nas considerações do referido autor, percebe-se que o homem para se tornar livre e expressar suas próprias ideias precisa dominar os códigos da linguagem escrita, isto é, ler e compreender o que ler, pois só assim será capaz de exercer sua cidadania.

Complementando a ideia acima, Freire (1990, p. 8 grifo do autor) destaca ainda que:

> A linguagem e o poder estão inextricavelmente entrelaçados e proporcionam uma dimensão fundamental da ação humana e da transformação social. A linguagem, como a define Freire, tem um papel ativo na construção da experiência e na organização e legitimação das práticas sociais disponíveis aos vários grupos da sociedade. A linguagem é o "verdadeiro recheio" da cultura e constitui tanto um terreno de dominação quanto um campo de possibilidade.

Deste modo, a capacidade que tem o sujeito de se comunicar permite-lhe deliberar seu poder de agir diante das situações cotidianas, ou seja, a linguagem é um instrumento que proporciona ao homem condições de ele transformar a sociedade, revelando assim o ponto chave para alienar os sujeitos quando esses não a dominam, e ao mesmo tempo um meio eficiente que oportuniza ao homem conquistar o seu espaço no meio social.

Entende-se a alfabetização como uma ação que liberta o homem das alienações, uma vez que, a escassez do domínio de leitura no Brasil tem raízes históricas, foi alvo da colonização e da escravidão.

No período colonial a alguns poucos era permitido o direito de leitura e escrita, pois somente os senhores de engenho, seus filhos, os jesuítas e o clero tinham esse privilégio. Assim, evidencia-se que, o homem que não detém o poder da leitura pouco pode se expressar e, portanto, fica sujeito aos interesses do poder.

Referindo-se à alfabetização Solé (2009, p. 50) ressalta que:

> Alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Estes procedimentos, porém, vão muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita. O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística, isto é, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem.

Nessa perspectiva, a alfabetização se refere ao processo no qual o sujeito processa a leitura e a escrita, ou seja, constrói conhecimento linguístico oral e escritos, porém, esse processo de aprendizagem depende de algumas metodologias eficientes para que o aluno não aprenda meramente decodificar os signos da escrita, mas sim dá sentido ao texto lido.

Solé (2009, p. 51) ressalta ainda que:

> Para ler, qualquer leitor precisa ter acesso ao texto cuja leitura transformou-se em objetivo. Obviamente, esse texto possui uma série de características, entre as quais não é a menos importante o fato de estar formado por um sistema de símbolos, por um código, assim como para ter acesso à mensagem emitida em um noticiário radiofônico ou televisivo, é preciso conhecer o código que o locutor utiliza para transmitir as noticias.

Nesse contexto, para que o aluno se torne um leitor precisa antes decodificar os símbolos da escrita, uma vez que, para que ele compreenda o que ler faz-se necessário antes conhecer as letras, pois, a capacidade de adquirir quaisquer informações só virá mediante o processo de decodificação dos signos.

Freire (1990, p. 10) enfatiza que:

> A alfabetização torna-se sinônimo de uma tentativa de resgatar a história, a experiência e a visão do discurso convencional e das relações sociais dominantes. Ela significa desenvolver as condições teóricas e práticas mediante as quais os seres humanos podem situar-se em suas respectivas histórias e, ao fazê-lo, faz-se presentes como agentes na luta para expandir as possibilidades da vida e da liberdade humanas.

Por muito tempo a cultura do povo de classe menos favorecida foi marginalizada, poucos podiam manifestar suas opiniões e ponto de vista. Nesse

sentido, a alfabetização garante um lugar na sociedade. Ela possibilita a liberdade de expressão do povo.

Compreende-se que a alfabetização propicia a vivência democrática necessária para a participação social do sujeito, contribui para o exercício da cidadania, favorece a formação de sujeitos envolvidos no processo de mudança social e se caracteriza como uma ação participativa dos sujeitos em busca de seus direitos sociais.

De acordo com Freire (1990, p. 99):

> Os educadores devem desenvolver estruturas pedagógicas radicais que propiciem aos alunos a oportunidade de utilizar sua própria realidade como base para a alfabetização. Isso inclui, evidentemente, a língua que trazem consigo para a sala de aula. Agir de outra maneira será negar aos direitos que estão no cerne da noção de uma alfabetização emancipadora. É da máxima importância que se dê a mais alta prioridade à incorporação da língua dos alunos como língua é que serão capazes de reconstruir a própria história e a própria cultura.

Como se pôde perceber, a alfabetização não deve ser tida somente para a aquisição da língua padrão, mas deve ser utilizada para o desenvolvimento de habilidades próprias bem mais específicas e significativas ao seu locus cultural, pois é através diste que irão tornar-se sujeitos autônomos, donos de sua própria história.

Nesta mesma direção, Carvalho (2005, p. 52), ressalta que:

> Se lhes forem dadas as oportunidades e os meios, crianças de qualquer condição social serão capazes de desenhar, dramatizar, modelar, ler, escrever e contar, tanto quanto foram capazes de aprender a falar e a brincar. Sua grande dificuldade na escola é não terem condições sociais e materiais para desenvolver suas capacidades.

Assim, a autora ressalta que qualquer criança, independente da classe social, tem condições de aprender ler e escrever, o que faz a diferença são os meios utilizados, uma vez que, cada criança tem um jeito próprio de aprender e se o professor respeitar as especificidades de cada criança, respeitar o ritmo de cada uma, certamente irá aprenderá.

Carvalho (2005, p.53), ressalta ainda que:

> Preparar para aprender a ler é principalmente despertar o desejo, a vontade de ler. Melhor do que oferecer a criança desenhos prontos para colorir e ou pontilhos para unir é criar um clima de interesse e receptividade em relação à leitura e à escrita. Para isso, a professora precisa ter à mão livros infantis, jornais, revistas, muito material escrito, de todo tipo, para olhar, manusear, adivinhar.

É preciso que o educador possibilite à criança o contato com a diversidade textual, uma vez que, o despertar a criança para o aprendizado da leitura e escrita depende da forma como a prática pedagógica é desenvolvida em sala de aula. Constata-se que, não é colocando a criança em situações reprodutoras que vai torná-la um ser ativo.

“A aquisição da leitura e da escrita deve acontecer através da utilização de um conjunto de procedimento: métodos, técnicas e recursos, que possibilitem aos educandos adquirirem habilidades em relação ao uso desse código” (MARQUEZAN; SOUZA, 2015). O trabalho do professor quanto à alfabetização tem-se centralizado na busca do melhor ou mais eficaz método levantando, assim, uma polêmica em torno dos métodos sintético e analítico.

Os métodos sintéticos começam pela apresentação de elementos considerados simples e em seguida vão alcançando contextos mais relevantes. Os métodos analíticos partem das palavras ou frases que vão decompondo progressivamente até alcançarem as unidades menores (MARQUEZAN; SOUZA, 2015).

Essa forma tradicional leva a escola aver na alfabetização uma vinculação entre os métodos utilizados e o estado de maturidade ou prontidão, de conceber a escrita como transcrição gráfica das unidades sonoras e a leitura como decodificação deste código, essa realidade mostra o total desconhecimento dos professores e do processo de alfabetização (MARQUEZAN; SOUZA, 2015).

De acordo com Moura (1999, p. 127):

> Essas concepções e as formas de proceder baseada nos métodos, desnudado as práticas escolares que são de certo modo responsáveis pelo fracasso das crianças, pela sua expulsão da escola, transformando-as em analfabetos funcionais que, no futuro, em alguns casos, transforma-se nos adultos que voltam à escola em busca do conhecimento não adquirido.

O livro didático geralmente é apresentado para o aluno como uma fonte de conhecimento do mundo, quando, na verdade, quase sempre, reproduzem uma outra realidade. As atividades de leitura e escrita baseadas no livro didático são alheias ao funcionamento da língua.

Isso é um problema grave, pois,segundo Moura (1999, p. 131):

> À medida que o professor desconhece o processo de aquisição que constitui a alfabetização, as características dos sujeitos que aprendem, ele torna o processo mais difícil do que deveria ser, produzindo fracasso

> escolares desnecessários, transformando a experiência da alfabetização em uma experiência literalmente traumática.

Contrária a essa concepção referente à alfabetização, Ferreiro propõe a psicogênese da língua escrita, proposta na qual o processo de aquisição da escrita é construído pela criança. Segundo Moura (1999, p. 140):

> A alfabetização consiste num processo pedagógico e epistemológico deve possibilitar, ao sujeito, a apropriação do sistema de representação da linguagem escrita e a sua conseqüente reconstrução e utilização para si como objeto possibilitador da apropriação de novos conhecimentos e de intervenção em diferentes situações sociais.

De acordo Smolka (1988, p. 47):“Emília Ferreiro deixa bem claro a sua concepção sobre o sistema de linguagem em contraposição à concepção tradicional e faz a distinção entre a escrita como sistema de representação da linguagem e a escrita como sistema de decodificação”.

Essas mudanças requerem novas atitudes em relação à compreensão dos sujeitos e do objeto da alfabetização. Requer entender que a escrita não é um produto da escola, mas sim objeto cultural, resultado do esforço conjunto da sociedade e que não é pela utilização de técnicas, métodos que o sujeito produz a escrita. O processo de alfabetização, enquanto construção do conhecimento é uma tarefa fundamental tanto para as crianças quanto para os professores.

3.1 O fracasso escolar na alfabetização

A aprendizagem da leitura e escrita constitui-se uma das tarefas básicas propostas à educação. Aparentemente simples, essa tarefa constitui, no entanto, um dos problemas educacionais da atualidade que mais chama atenção, por isso tem sido objeto de estudode várias pesquisas. O assunto tem sido questionado por pais, professores e especialistas em educação não só no que diz respeito ao domínio da escrita propriamente dita, mas às repercussões dessa aprendizagem nos vários aspectos da escolaridade (STIGAR, 2015).

Aprender a ler exige competências e habilidades, novos desafios são lançados à criança no que se refere ao conhecimento da linguagem. Por isso, aprender a ler é uma tarefa complexa e geralmente difícil para muitas crianças.

Quando as crianças não conseguem atender às expectativas da turma, são taxadas de ignorantes ou têm problemas de aprendizagem, pois a escola

constrói um modelo de bom aluno, entretanto, nem todas as crianças se encaixam nesse modelo. Quando isso acontece o discurso dos professores é basicamente: "Estas crianças não podem aprender porque não há ajuda familiar, falta de maturidade, suposta lesão cerebral mínima ou transtornos do tipo: psicomotora, na fonação, percepção, etc [...]"(FERREIRO, 1989, p. 73).

Diante de tal situação, muitas crianças terminam internalizando que não poderão aprender, na tentativa de adequar-se às normas, copiam do quadro mesmo sem saber o quê, como e por quê estão copiando aquilo, ou seja, não há significado e, portanto não há aprendizado. Outras se recusam a copiar, procuram outras atividades para fazer, surgindo o espaço ideal para a indisciplina.

Nesse contexto, muitos professores não aceitam que a indisciplina foi gerada por uma ação desencadeada por ele professor, por não ser sensível aos “problemas” da criança, por não desenvolver metodologias capazes de prender a atenção da criança e assim, despertar o interesse desta para querer aprender.

Segundo Ferreiro (1989, p. 73):

> A escola geralmente, ineficiente para introduzir as crianças no mundo da língua escrita, é contudo, extremamente eficiente para conseguir fazer com que assumam a culpa de seu próprio fracasso: um dos maiores danos que se pode fazer a uma criança é levá-la a perder a confiança em sua capacidade de pensar.

Nesse contexto, entende-se que o ensino da escrita tem se reduzido apenas de reprodução cultural. Os efeitos desse ensino são evidentes, uma alfabetização sem significado, sem consciência, desvinculada da realidade eportanto, ineficaz, fazendo do aluno um sujeito alienado.

Ferreiro, referindo-se ao fracasso escolar (1989, p. 78) destaca que:

> O fracasso escolar não se distribui democraticamente. O fracasso escolar inicial, que é o da alfabetização, se concentra nas populações urbanas e rurais marginalizadas. Constitui, também, lugar comum assinalar correlações positivas entre o fracasso da alfabetização no tempo escolar requerido e fatores como estado de saúde da criança o nível de educação dos pais, as condições gerais de vida, etc. os professores e a instituição escolar têm aceitado, com facilidade, a realidade de tais fatos.

Os índices de fracasso escolar na alfabetização são inaceitáveis e as medidas tomadas no âmbito dos sistemas públicos pouco têm contribuído para transformar esse quadro de forma significativa. O resultado disso são alunos que leem e escrevem, entretanto são incapazes de fazer uso da leitura e da escrita.

Nesse contexto, considerou-se relevante apresentar os resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) referente ao município de Buriti no ano de 2013, bem como da escola ora pesquisada.

O Ideb foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino (BRASIL, 2015).

Segue o quadro 1 onde constam os resultados referente ao município de Buriti-MA.

Escolas	Aprendizado x fluxo = Ideb	Atingiu a meta	Cresceu	Alcançou 6,0	Situação da escola
Complexo Educacional Carmem Costa	4,45 x 0,91= 4,1	X	X	X	alerta
U. I. Ana Gonçalves Bastos	3,26 x 0,99= 3,2	X	X	X	Sem dados
U. I. Duque de Caxias	3,02 x 0,89= 2,7	X	X	X	alerta
U. I. São Raimundo	3,01 x 0,89= 2,7	X	X	X	Sem dados
U. I. Antº Alves da Costa	2,58 x 0,99= 2,5	X	X	X	alerta
U. I. Antº Gomes	2,5 x 0,96= 2,4	X	X	X	alerta
U. I. Inácia Vaz	4,29 x 0,91= 3,9	✓	X	X	atenção
U. I. Major João Costa	4,67 x 0,95= 44	✓	X	X	atenção
U. I. Rdo Mendes Reinaldo	3,19 x 0,95= 3,0	X	X	X	alerta
U. I. Fco Alves Ferreira	3,51 x 0,93= 3,3	X	X	X	alerta
U. I. Governador Archer	3,43 x 0,93= 3,2	X	X	X	alerta
U. I. Neuton Freitas	2,77 x 0,97= 2,7	✓	X	X	atenção

FONTE: (IDEB, 2015)

O Ideb é calculado com base no aprendizado dos alunos em Português e Matemática, avaliados através da Prova Brasil e no fluxo escolar que se refere à taxa de aprovação.

Conforme observado no quadro acima, o Ideb 2013 nos anos iniciais da Rede Municipal atingiu a meta, entretanto, não alcançou 6,0. Teve, portanto o desafio de buscar garantir que mais alunos aprendam e com um fluxo escolar adequado.

No que se refere ao aprendizado, quanto maior a nota, maior o aprendizado. Quanto ao fluxo, quanto maior o valor, maior a aprovação.

Referindo-se especificamente à escola pesquisada, conforme o demonstrado no quadro acima, a nota no “Aprendizado” foi 4,29 e o “Fluxo” foi 0,91, portanto, a nota do Ideb foi 3,9. A nota no fluxo indicou que a cada 100 (cem) alunos 9 (nove) não foram aprovados (IDEB, 2013).

A escola ora pesquisada atingiu a meta, porém não cresceu e nem atingiu média 6,0 (seis), portanto, faz-se necessário uma análise profunda dos fatores que estão dificultando a aprendizagem desses alunos, pois a educação é direito de todos e a escola deve cumprir com seu papel de educar e educar com qualidade e responsabilidade.

Referindo-se ao fracasso escolar, Perrenoud (2000, p.18):

> Normalmente, define o fracasso escolar como a simples consequência de dificuldades de aprendizagem e como expressão de conhecimentos e de competências. Essa visão que naturaliza o fracasso impede a compreensão de que ele resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades, entre as quais a definição do nível de exigência, do qual depende o limiar que separa aqueles que têm êxito daqueles que não o têm.

Entende-se, diante do exposto, que a escola é sim responsável pelo fracasso na medida em que exige que todos os alunos aprendam os mesmos conteúdos, ao mesmo tempo, sem muitas vezes considerar o ritmo de aprendizagem de cada um.

A falta de explicações da escola para justificar as causas do fracasso da escola em alfabetizarfaz com que essa responsabilidade recaía para os alunos. Apesar de todas as razões sociais e políticas para não depositar a responsabilidade pelo fracasso no aluno, muitos terminam por consolidar a crença de que a possibilidade de os indivíduos não aprenderem teria relação com a sua condição econômica, social e cultural. Deriva dessa crença o surgimento de programas compensatórios, dentre os quais: a merenda escolar, o bolsa família.

Com isso, consolidou-se uma cultura escolar da repetência, da reprovação, que acabou por ser aceita como um fenômeno natural. O país foi se acostumando com o fato de cerca de metade de suas crianças não se alfabetizar ao término do primeiro ano de escolaridade no Ensino Fundamental. O que se observa hoje são alunos que leem e escrevem, porém não sabem fazer uso daquilo que leem

e escrevem, e, isso não é suficiente para tornar-se emancipado, crítico e atuante na sociedade.

Complementando o exposto, Arroyo (2001, p. 17) destaca que:

> Falar em cultura escolar é mais do que reconhecer que os alunos e os profissionais da escola carregam para esta suas crenças, seus valores, suas expectativas e seus comportamentos, o que sem dúvida poderá condicionar os resultados esperados. Aceitar que existe uma cultura escolar significa trabalhar com o suposto de que os diversos indivíduos que nela entram e trabalham adaptam seus valores, às crenças, às expectativas e aos comportamentos da instituição. Adaptam-se à sua cultura materializada no conjunto de práticas, processos, lógicas, rituais constitutivos da instituição.

Depreende-se, diante das considerações do autor que o fracasso ou sucesso escolar foi e continua sendo produzido e construído pelo sistema de ensino e pela cultura escolar. Segundo o referido autor, a escola prega a igualdade, entretanto legitima as desigualdades sociais e étnicas, pois considera que crianças pobres não aprendem. Isso é uma forma de exclusão da escola e consequentemente da sociedade.

4 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA E ALFABETIZAÇÃO

Apesar das controvérsias e do caráter provisório das conclusões a que chegaram estudiosos sobre a aquisição da linguagem, o conjunto de pesquisas feitas até hoje nesta área aponta para uma série de verdades sobre o desenvolvimento linguístico da criança que poderão auxiliar o professor na sua tarefa de “ensinar” a língua materna. Talvez seja o professor alfabetizador quem maior proveito poderá tirar dos estudos acerca da aquisição da linguagem, tendo em vista que a complexidade do processo de aquisição do código escrito exige um conhecimento seguro dos elementos intervenientes neste processo, incluindo-se aí o desenvolvimento linguístico da criança.

Uma vez que o objetivo do alfabetizador é transportar a criança do domínio do código oral para o domínio do código escrito, deve-se esperar deste profissional um profundo conhecimento dos mecanismos de funcionamento da linguagem infantil e de seu desenvolvimento, entretanto não é isso o que ocorre.

Yavas et al (1985) em pesquisa realizada com alfabetizadoras de diversas escolas de Porto Alegre, constataram que grande parte das entrevistadas não conheciam sequer o termo “aquisição da linguagem” e que suas informações desse processo baseiam-se em informações distorcidas e sem fundamentação científica. Na mesma pesquisa, foram examinados os cursos que preparam alfabetizadores e ficou comprovada a inexistência, nos currículos, de uma disciplina de linguística ou de algum modo relacionada com a aquisição da linguagem que dê conta do desenvolvimento da linguagem infantil.

Certamente, o leitor poderá argumentar que, ano após ano, crianças são alfabetizadas por professores sem esse tipo de conhecimento e o ensino é eficaz, não havendo, portanto, necessidade de treinamento nesta área. A este argumento poder-se-ia responder dizendo que, efetivamente, em algumas ocasiões, a experiência ou a intuição podem permitir ao professor decisões acertadas, contudo, uma vez sendo a aquisição da linguagem um dos campos mais desenvolvidos da lingüística aplicada e diretamente relacionada com o processo de aquisição do código escrito, é obrigação do profissional em alfabetização familiarizar-se, pelo

menos, com as noções mais básicas desta área de estudo, a fim de desenvolver seu trabalho cientificamente.

Por certo, não se admitirá hoje em dia um engenheiro eletrônico que conheça o funcionamento de um computador, tampouco um mecânico que não conheça o funcionamento do motor de um carro. Como admitir, então, um alfabetizador que não tem noções sobre o processo de aquisição da linguagem da criança?

Segundo Ferreiro (1989, p.76), “O que acontece no primeiro ano da escola tem reflexos, não apenas na alfabetização, mas também na confiança básica que cerca toda a escolaridade posterior.”

Nesta mesma direção, Ferreiro e Teberosky (1985, p. 48) destacam ainda que: “A criança inicia o aprendizado do aspecto formal da escrita com aproximadamente 3 ou 4 anos e esse processo segue até aproximadamente 10 anos”. Neste período, a criança passa por vários estágios de desenvolvimento da linguagemescrita. São diversas hipóteses pelas quais a criança passa antes de atingir o grau alfabético próprio da linguagem escrita adulta.

Referindo-se às hipóteses pelas quais a criança passa, Ferreiro e Teberosky (1985, p. 48) desta que:

> Primeiramente, a criança passa pela fase pré-silábica ou pré-comunicativa. Essa fase acontece, quando a criança tem de 3 a 4 anos. Ela começa a distinguir a escrita do desenho e começa a querer escrever. Essa primeira escrita se parece com rabiscos, só num segundo momento aparecem as letras e os números, mas não diferencia uns dos outros e não associa a escrita com a fala. É um período de indecisão entre o desenho e a escrita propriamente dita, uma vez que parte de representações icônicas e, apenas gradativamente, o predomínio do desenho vai cedendo espaço para o simbolismo gráfico de base alfabética.

Na segunda fase, denominada de silábica ou semifonética, a criança já percebe a relação entre a fala e a escrita. Cada letra representará um som e lentamente vai identificando o valor sonoro das letras. Essa fase ocorre à medida que a criança avança em suas hipóteses (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

A terceira fase, quando a criança tem mais ou menos de 6 a 7 anos, a escrita representa a fala com diferenças principalmente nos sons, compondo vogais e consoantes. Esta fase chama-se alfabética ou fonética. Essa é uma etapa em que o alfabetizador poderá exercer grande influência, desde que se dê conta de todo

esse trajeto e de seu significado em termos de conhecimento (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985).

Após este longo processo de alfabetização, a criança começa a formular sentenças, seu vocabulário vai enriquecendo, vai aprendendo a utilizar sinônimos, aos poucos vai dominando a ortografia, aprendendo a sobre a importância e o uso dos sinais de pontuação, ou seja, aos poucos aumentando seu repertório lingüístico.

Convém ressaltar que somente a aquisição da linguagem escrita não garante o sucesso do indivíduo; pois elealmeja dar significado a tudo que aprendeu, isto porque, para cada grupo social faz-se necessário o reconhecimento dos signos que forma uma palavra, analisá-las de forma isolada não faz sentido.

Um fator importante que deve ser considerado é que muitos professores não têm formação específica para exercer bem sua função. Portanto, ressalta-se a urgência de formação inicial e continuadapara esses professores, para que assim possam desempenhar seu trabalho com qualidade.

No processo de aquisição da linguagem, a leitura deve ser vista como umaforma de interação com os colegas e com o meio, pois isso pode trazer mais significado para ele.

A leitura é aquela em que literalmente se lê e se escreve, ou seja, o entendimento é à base do aprendizado da leitura. Ratificando o exposto, Smith (2003, p. 22) ressalta que:

> Em contextos mais gerais, esta base do entendimento é também chamada, pelos psicólogos, de estrutura cognitiva. O termo é bastante bom, porque cognitivo significa conhecimento e estrutura implica organização do conhecimento, e isto é o que, na verdade, temos em nossas cabeças uma organização do conhecimento.

Nessa perspectiva, entende-se que se aprende a ler, através da leitura, acrescentando coisas àquilo que já se sabe. As afirmações acima evidenciam que a compreensão e o aprendizado da leitura são fundamentalmente a mesma coisa.

Referindo-se à linguagem escrita, Vygotsky (1988, p.119) afirma que a linguagem escrita é outra forma de o sujeito se comunicar com o outro, inclusive o autor critica algumas formas de ensinamento da escrita como simples desenvolvimento motor, quando na verdade seu papel vai além da habilidade motora.

> [...] Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito que acaba-se obscurecendo a linguagem escrita

> como tal.

Dessa forma, deve-se considerar que, a criança aprende a linguagem escrita antes de chegar à escola, portanto, fica evidente que o trabalho mecânico não desperta a capacidade de a criança construir ideias, essa maneira apenas faz com que a criança reproduza a escrita.

Nesse sentido, percebe-se que a aprendizagem da escrita colabora para o crescimento de aspecto simbólico, onde os símbolos mostram significados, e consequentemente o alcance da linguagem escrita.

Vygotsky (1988) acredita que as relações entre o desenvolvimento e a aprendizagem são analisadas sob dois pontos extremamente importantes, no qual um se refere ao entendimento da relação global entre o aprendizado e o desenvolvimento, e o outro trata das características dessa relação no momento em que ele está na escola. Vygotsky determina dois níveis de desenvolvimento que ele chamou de: Zona de desenvolvimento real e Zona de desenvolvimento proximal ou potencial.

> [...] O nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela [...] (VYGOTSKY, 1988 p. 97),

Entende-se que o nível de desenvolvimento real refere-seàs coisas que a criança já conquistou e faz sozinha, sem a ajuda de outra pessoa. Este nível indica que os processos mentais do sujeito já se desenvolveram em relação às coisas que consegue realizar só.

> [...] A zona de desenvolvimento proximal define funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” do desenvolvimento [...]. (VYGOTSKY, 1988, p. 97).

Compreende-se que, o nível de desenvolvimento proximal se refere a capacidade que tem a criança de realizar coisas com a ajuda de outra pessoa. Nessa fase a criança precisa da colaboração de uma pessoa mais experiente.

Nesse sentido, o aprendizado é o responsável por dar existência à zona de desenvolvimento proximal, ao passo que a criança interage com outras pessoas, ela consegue desenvolver-se mentalmente, portanto essa ajuda externa é fundamental para seu desenvolvimento. Dessa forma, aquelas atividades que hoje a

criança faz mediante a ajuda do professor, coleguinhas ou outras pessoas adultas, amanhã será capaz de realizar de maneira independente.

Nesse contexto, o processo de apropriação e desenvolvimento da linguagem oral e escrita se remete aos estudos realizados por Vygotsky quando o mesmo defende que o desenvolvimento e a aprendizagem da criança são construídos através da interação com o meio físico e social, aprendizado esse que ocorre muito antes da criança adentrar à escola, ao chegar à escola outros conhecimentossão construídos.

Vygotsky ressalta ainda a importância de se compreender e ajudar a criança na vida escolar, para isso o professor deve dispor de conhecimentos científicos aprofundados sobre os conceitos e o processo de desenvolvimento mental da criança.

> [...] O desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Esses processos psicológicos complexos não podem ser dominados apenas através da aprendizagem inicial. [...] Um professor que tenta fazer isso geralmente não obtém qualquer resultado, exceto o verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo (VYGOTSKY 1988, p.72)

Observa-se críticas acerca de algumas metodologias de ensino usadas apenas como mera reproduções de conhecimentos, uma vez que, os conceitos são vistos como um sistema de relações e generalização existentes nas palavras e provocadas por acontecimentos históricos culturais.

Piaget também tem uma grande contribuição sobre a linguagem da criança, é dele a pesquisa sobre a linguagem e o pensamento das crianças. Piaget Foi um dos primeiros pesquisadores a buscar conhecimentos aprofundados sobre o desenvolvimento infantil, especialmente, sobre a percepção e a lógica. Na teoria de Piaget, o desenvolvimento e a inteligência humana passam por processos de desequilíbrio, entre a assimilação e a acomodação, isto é, um desequilíbrio inicial seguido de um novo equilíbrio ou reequilíbrio (GOULART, 2009).

Para Piaget apud Goulart (2009, p.18 grifo do autor):“O desenvolvimento da criança acontece em progressivas fases de *equilíbrio e desequilíbrio* que envolve a *assimilação e acomodação”*. Para ele cada fase é representada por aquilo que de melhor o individuo consegue fazer neste estágio.

Assim, com base na teoria construtivista de Piaget, compreende-se que ler é muito mais que a simples manipulação vazia das palavras, é uma relação dinâmica da leitura da palavra com as experiências vividas.

> A assimilação é a incorporação de um novo objeto ou ideia ao que já é conhecido, ou seja, ao esquema que a criança já possui. A acomodação, por sua vez, implica na transformação que o organismo sofre para poder lidar com o ambiente. Assim, diante de um objetonovo ou uma ideia, a criança modifica seus esquemas adquiridos anteriormente, tentando adaptar-se à nova situação (GOULART, 2009, p.18).

A assimilação acontece quando o sujeito soluciona um problema novo, utilizando uma organização mental já elaborada, ou seja, partindo dos conhecimentos adquiridos pelo sujeito. A acomodação, por sua vez, acontece quando o sujeito necessita mudar a própria ideia antiga para poder adaptar-se a um novo conceito, ou ideia.

> [...] A criança é, pois, o próprio agente de seu desenvolvimento; os processos assimilativos gradualmente estendem seu domínio e a acomodação leva a modificações da atividade. Do equilíbrio desses processos advém uma adaptação ao mundo cada vez mais adequada e uma consequente organizacional mental, que se designa como equilibração das estruturas mentais (GOULART, 2009, p.19).

Nesse sentido, ao passo que ocorre o desenvolvimento cognitivo, os esquemas iniciais se ampliam e se diferenciam, interiorizando e adquirindo formas mais complexas. Esse processo envolve a assimilação e a acomodação, assim, o desenvolvimento da criança é direcionado para o equilíbrio, ou seja, quando a criança se depara com algo desconhecido, causa em sua mente um desequilíbrio mental, e ao passo que assimila e acomoda formando um novo conceito as ideias se equilibram.

Para Vygotsky, quanto mais a criança aprende mais ela se desenvolve, enquanto que para Piaget quanto mais ela se desenvolve mais ela aprende.

De acordo com os Referenciais Curriculares da Educação Infantil (RECNEI), o desenvolvimento da linguagem oral é influenciado pelo meio em que a criança está inserida e é uma forma dela se comunicar com as demais pessoas de seu contexto.

> Aprender a falar, portanto, não consiste apenas em memorizar sons e palavras. A aprendizagem da fala pelas crianças não se dá de forma desarticulada com a reflexão, o pensamento, a explicação de seus atos, sentimentos, sensações e desejos (BRASIL, 1998, p.125.).

Em síntese, a linguagem oral representa para a criança aquilo que ela está sentindo e se expressa através de suas emoções e pensamentos, a interação favorece à construção da linguagem oral e o desenvolvimento da criança como um todo.

5 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: conceitos e relações

No século XX ocorreu uma grande mudança no que diz respeito à alfabetização, pois até então bastava apenas que o sujeito escrevesse seu próprio nome para ser reconhecido como alfabetizado. Os anos se passaram e este conceito foi sofrendo transformações, ler e escrever passou a ter um significado mais abrangente, foi assim que surgiu a palavra "*letramento",*uma palavra de origem inglesa "*literacy"* que significa o estado ou a condição que cada pessoa adquire a partir da conquista da língua escrita (MACIEL, 2009).

A definição de alfabetização e letramentodestaca dois grandes fatores contribuintes para a aquisição da escrita, um o ato de ler e escrever e o outro a utilização da escrita.

Conforme Maciel (2009), a alfabetização constitui-se o meio pelo qual o indivíduo conquista habilidades de ler e escrever, enquanto que o letramento refere-se à capacidade de utilizar a leitura e a escrita como meio de adquirir informações e produzir conhecimentos.

Maciel (2009, p. 30) destaca ainda que:

> A maneira como as pessoas se apropriam da escrita no contexto social pode ser reconhecida em seus comportamentos e atitudes diante de situações em que a escrita torna-se um instrumento fundamental para as suas interações e inserção no mundo. A condição letrada parece ser resultado de um conjunto de fatores que se articulam entre si: o convívio com pessoas letradas, a participação efetiva em eventos de letramento, o desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita, o conhecimento de protocolos de uso da escrita. Esses são alguns dos elementos presentes na formação do perfil letrado dos diferentes grupos sociais e culturais que compõem uma sociedade.

Nesse sentido, o domínio da língua escrita representa o reconhecimento do sujeito na sociedade por sua conduta e ações diante das diversas situações cotidianas. A habilidade de leitura e escrita sucede de um conjunto de atividades presentes na vida do sujeito, entre elas, a socialização com pessoas de uma rica cultura literária, o contato com diversos materiais escritos e a prática constante de leitura e escrita. Esses fatores têm forte influência no desenvolvimento do indivíduo no que se refere à habilidade de ler e escrever.

Os sujeitos estão permanentemente em contato com os outros e em diversas situações que resultam para o indivíduona promoção de construção e

reconstrução de conhecimentos em relação à escrita. A instituição escolar, por sua vez é imprescindível na introdução do indivíduo na sociedade letrada, bem como na sua formação para utilizar esse sistema de signos.

Referindo-se também ao processo de alfabetização, Solé (2009, p. 50 grifo do autor) destaca que:

> A alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Estes procedimentos, porém, vão muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita. O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística (isto é, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem).

A alfabetização é um meio pelo qual o sujeito aprende a ler e a escrever, entretanto, não se resume apenas na decodificação das palavras, isto é, vai muito além dessa tática. A capacidade da habilidade de leitura envolve também a competência de pensar sobre o que o sujeito ler.

Complementando o exposto, Maciel (2009, p. 31) destaca que:

> Em geral, é na escola que as crianças se alfabetizam, desenvolvem capacidades de leitura de textos. Mas a importância da escola se acentua, sobretudo, para aquelas crianças cujo acesso a materiais escritos é restrito. A escola, para esse segmento, se constitui no espaço privilegiado e, às vezes, único para adquirir capacidades e habilidades que lhe permitam usufruir da cultura letrada, interagir com ela é ampliar suas oportunidades de se apropriar de bens culturais que, pela sua valorização, têm dominado as relações sociais em contextos mais amplos.

O exposto permite o entendimento de queé no espaço escolar que a criança desenvolve de maneira sistemática seus conhecimentos, principalmente aquelas pessoas que não dispõem de materiais impressos e variados, assim, a escola para elas se acentua perfeitamente e, na maioria das vezes, torna-se até o único espaço para a aquisição de leitura e escrita. Portanto, cabe à escola oportunizar a estes momentos frequentes de leitura, a fim de que elas possam desenvolver suas habilidades.

Destaca-se ainda que o processo de aquisição de leitura e escrita é um processo que requer bastante prática e compromisso por parte dos educadores em promover a seus alunos o acesso aos diversos materiais escritos, portanto requer uma metodologia diferenciada.

A linguagem é um fator fundamental para o desenvolvimento humano. O ser humano desde bem pequeno, se relaciona com o outro a partir da linguagem falada. A língua oral é o principal meio para o sujeito se comunicar com os demais, é

através da língua oral que o homem se socializa e interage nas diversas situações do dia a dia (BRASIL, 2006).

A criança ao adentrar à escola já consegue se comunicar, no entanto, na escola desenvolvem outras práticas que não são tão comuns no seu dia a dia como a produção de textos coesos e coerentes.

> Na instituição escolar, portanto, elas ampliam suas capacidades de compreensão e produção de textos orais, o que favorece a convivência delas com uma variedade maior de contextos de interação e a sua reflexão sobre as diferenças entre situações e sobre os textos nelas produzidos (BRASIL, 2006, p. 70).

Portanto, a escola é o espaço mais adequado para ampliar osconhecimentos linguísticos que a pessoa já possui, pois na escola além da criança ter o contato com textos diversificados, terá também a oportunidade de pensar sobre eles e questioná-los. Isso se configura um papel importante e cabível ao professor, o professor comprometido com seu trabalho, promove discussões acerca dos textos produzidos que circulam no meio em que a criança está inserida.

De acordo com Ferreiro (2011, p. 22, grifo do autor):

> O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. Este é o significado profundo da noção de *assimilação* que Piaget colocou no âmago de sua teoria.

Entende-se que o aprendizado de leitura e escrita aconteceem um contexto social, porém, são recebidas pelo aluno sem entendê-las. Quando o aluno consegue compreender as informações recebidas, modifica o conceito dado, ou seja, assimila aqueles conhecimentos aprendidos, aqueles que ele ainda não conhece e cria um novo conceito.

> As crianças que vivem em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas começam, desde cedo, a refletir sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades (BRASIL, 2006, p. 70).

Em síntese, as pessoas que têm contato direto com materiais escritos e com pessoas letradas desde pequenas têm mais chances dese tornarem pessoas também letradas em relação àquelas que vivem em um ambiente pobre de leitura e escrita.

“Para reduzir as diferenças sociais, a escola precisa assegurar a todos os estudantes diariamente a vivência de práticas reais de leitura e produção de textos

diversificados” (BRASIL, 2006, p. 70). Desse modo, cabe à escola possibilitar a seus alunos o acesso à diversidade textual e estimular a produção de texto no espaço escolar, a fim de torná-los leitores críticos. É responsabilidade da escola o ensino da linguagem oral e escrita.

De acordo com Solé (2009, p. 51):

> Para ler, qualquer leitor precisa ter acesso ao texto cuja leitura transformou-se em objetivo. Obviamente, esse texto possui uma série de características, entre as quais não é a menos importante o fato de estar formado por um sistema de símbolos, por um código.

Nesse sentido, quando se estar ensinando alguém a ler, faz-se necessário que se trabalhe textos que tenham significado para o aprendiz, pois quando se lê se busca na leitura algo que responda alguma coisa que se estar em busca.

> É importante que, desde a educação infantil, a escola também se preocupe com o desenvolvimento dos conhecimentos relativos à aprendizagem da escrita alfabética, assim como daqueles ligados ao uso e à produção da linguagem escrita (BRASIL, 2006, p. 70).

Portanto, é preciso que a escola ofereça desde cedo oportunidades para a criança manusear livros e materiais impressos diversos, objetivando despertar na criança conhecimentos sobre a linguagem escrita.

Referindo-se ao processo de alfabetização e letramento, Soares (2006), enfatiza que a alfabetização e letramento são atividades diferentes, mas inseparáveis. De acordo com a referida autora, o sujeito deve ser alfabetizado e letrado ao mesmo tempo, isto é, o ensino da leitura e escrita deve está relacionado com a realidade social do aluno, afim de que ele aprenda a ler e a escrever de modo crítico e se torne um ser ativo na sociedade, pois não basta saber ler e escrever é importante que o indivíduo se aproprie dos conhecimentos adquiridos.

Soares (2006, p.14, grifo do autor) destacaainda que:

> Para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico), que se obtém por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

Dessa forma, para que o sujeito participe da sociedade do conhecimento, precisa deter o domínio tecnológico da escrita e essa técnica passa pelo processo de alfabetização e a capacidade de saber utilizá-la em diferentes contextos,

queocorrem através do processo de letramento, ou seja, o aluno precisa aprender ler e escrever a partir de um ensino que tenha significado para ele.

Deste modo, para que o sujeito participe da sociedade do conhecimento, precisa deter o domínio da escrita e essa técnica passa pelo processo de alfabetização e a capacidade de saber utilizá-la em diferentes contextos, que ocorrem através do processo de letramento, ou seja, o aluno precisa aprender a ler e a escrever a partir de um ensino que tenha significado para ele.

Nessa perspectiva, a prática de ensino e leitura deve contribuir com a formação do sujeito de modo que ele atue na sociedade criticamente e seja capaz de tomar decisões diante dos eventuais problemas que surgem no cotidiano. O ensino de leitura e escrita implica não apenas que o aluno decifre as letras, mas que entenda suas funções, compreendendo o que estas representam no mundo da informação. Assim, o ensino da língua falada e escrita deve considerar seu uso em diversas situações do dia a dia e em diferentes contextos.

Em síntese, a alfabetização e o letramento são processos importantes no desenvolvimento da habilidade leitora, são processos indissociáveis que devem começar desde cedo, pois um indivíduo mal alfabetizado na infância pode levar as consequências disso para o resto de sua vida.

6 A PESQUISA E A CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

6.1 Caracterização da escola-campo

A Unidade Integrada Nossa senhora de Fátima[1], situada no Município de Buriti, localiza-se no centro da cidade na Praça do estudante é uma das cinco escolas da zona urbana da Rede Pública Municipal que atende alunos do 1º ao 9º ano. A escola conta com um total de 630 alunos no diurno.

Iniciou-se como escola Reunida Municipal com sede nesta cidade, à Avenida Coronel Lago Junior S/N° Centro. Em 1° de janeiro de 1970 a atual escola passou a dominar-se Grupo Escolar Nossa Senhora de Fátima passando a funcionar na categoria de Grupo Escolar.

Esta instituição começou a funcionar com 4 (quatro) turmas para o Ensino Fundamental menor e mais 2 (duas) turmas de educação Infantil. Na época, havia a possibilidade de as séries se desdobrarem em turmas desde que a matrícula não ultrapasse o número legal de alunos para cada uma. O corpo docente era composto por6(seis) professores regentes de classe.

Hoje, a atual escola funciona no turno matutino das sete às onze horas e no vespertino das treze às dezessete horas. Nos turnos matutino e vespertino funcionam do primeiro ao quinto ano com 2 (duas) turmas em cada ano.

O turno matutino conta com 10 (dez) professores e no turno vespertino também, são denominados pela escola como professores titulares, além destes, há mais 9 (nove) que são chamados professor “b”, que substituem o professor titular. Alguns professores ainda não são graduados. Também possui um corpo administrativo composto por 13 (treze) funcionários, sendo uma gestora com Ensino Médio completo; 1 (um) diretor adjunto, 1 (uma) coordenadora formada em Pedagogia;uma coordenadora do Programa Mais Educação (PME) formada em Pedagogia; uma coordenadora adjunta formada em História; uma auxiliar de coordenação do Programa Mais Educação com Ensino Médio; duas auxiliares administrativas, uma formada em Matemática e a outra com Ensino Médio e seis operacionais de serviços diversos, alguns com nível médio e outros somente com o

[1] Unidade Integrada Nossa Senhora de Fátima é um nome fictício, por questões éticas, o verdadeiro nome da escola foi preservado.

Ensino Fundamental incompleto, o quadro 2 especifica melhor o quantitativo de funcionários bem como seu grau de instrução.

Quadro 2 – Quadro de professores da escola-campo

Quantitativo	Função que exerce	Grau de instrução
09	Professores	Pedagogia
10	Professores	Letras
01	Professor	Matemática
04	Professores	Ensino Médio
02	Professor	Pedagogia incompleto
01	Professor	Ciências
01	Professor	Filosofia
01	Professor	Teologia

FONTE: (DADOS DA PESQUISA, 2015).

O quadro 3 especifica o quadro administrativo da escola-campo juntamente com o grau de instrução de cada sujeito da pesquisa.

Quadro 3 – Quadro administrativo da escola-campo

Quantidade	Funcionários	Grau de instrução
1	Diretora	Ensino Médio
1	Diretor adjunto	Superior completo
1	Coordenadora geral	Pedagogia
1	Coordenadora adjunta	História
1	Coordenadora do PME	Pedagogia
1	Auxiliar de coord. PME	Ens. Médio
1	Agente administrativo	Analista de sistema
1	Agente administrativo	Ens. Médio
3	AOSD’s	Ens. Médio
2	Vigias	Ens. Médio
1	Vigia	Ens. Fund. Incompleto

FONTE: (DADOS DA PESQUISA, 2015).

No que se refere à estrutura física, aescola conta com 10(dez) salas de aula, 01 (uma) secretaria bem equipada, dispondo de todos os materiais necessários ao bom andamento e funcionamento desses espaços. Há também 01 (um)depósito para guardar o material de limpeza, 01 (um) depósito para guardar merenda escolar, 01 (uma) sala para guardar material didático e jogos pedagógicos.

Existe também um pátio onde é utilizado para as apresentações dos trabalhos realizados na escola.A escola também dispõe de 03 (três) banheiros sendo um para os funcionários e mais dois, um para as meninas com 3 (três) vasos sanitários adaptados para portadores de deficiência e outro para os meninos, também adaptado aos alunos deficientes.

6.2 Resultados e discussão

Apresenta-se agora os resultados dos questionários aplicados a 4 (quatro) professores alfabetizadores de uma escola pública municipal da cidade de Buriti-MA, por questões éticas, o verdadeiro nome da escola foi preservado e os professores foram denominados P1, P2, P3 e P4..

As cinco primeiras questões do questionário serviram de identificação do professor, no que se refere à formação e atuação profissional.

Os professores, na sua maioria, concluíram a formação superior em áreas como: Letras 1 (um) e Pedagogia 3 (três). Quanto ao tempo de atuação no magistério, encontram-se entre 10 (dez) a 18 anos. Em relação ao tempo de atuação com alfabetização, os professores possuem entre 10 (dez) e 18 (dezoito) anos. A média de alunos por turma é de vinte e quatro e vinte e oito por classe, com idade média de sete e dez anos de idade.

No que se refere à formação dos professores, observa-se que nem todos estão habilitados para trabalhar com a alfabetização, pois somente dois são formados em Pedagogia, o que pode se constituir um fator que corrobora para o insucesso na sala de aula.

Em seguida, perguntou-se sobre o número de alunos que já estão alfabetizados. O quadro 4 apresenta os resultados obtidos.

Quadro - Número de alunos alfabetizados por turma.

Turmas	Total de alunos	Alunos alfabetizados
Turma 1	26	17
Turma 2	24	19
Turma 3	25	15
Turma 4	28	18

FONTE: (DADOS DA PESQUISA, 2015)

Observa-se um número considerável de alunos que ainda não leem e nem escrevem, ou seja, que ainda não estão alfabetizados, o mais grave é que serão aprovados, pois nessa etapa não deve haver reprovação.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa (PCN's): "As evidências de fracasso escolar apontam a necessidade da reestruturação do ensino de Língua Portuguesa com o objetivo de encontrar formas de garantir, de fato, a aprendizagem da leitura e da escrita" (BRASIL, 2001, p. 19). Sabe-se que não é tarefa única do professor de Língua Portuguesa a

responsabilidade de garantir a fluência na leitura e escrita, entretanto é deste o compromisso maior, já que detém conhecimentos específicos para este fim.

Acredita-se que a prática de leitura permanente na escola, apresenta-se como uma alternativa eficiente de tornar o sujeito um leitor competente, capaz de produzir textos com sentido. “A leitura por um lado, nos oferece a matéria prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a construção de modelos: como escrever” (BRASIL, 2001, p. 53).

Nesse sentido, observa-se que a escrita depende da leitura e vice-versa, isto é, para que o sujeito escreva algo, precisa conectar a escrita com a leitura, uma vez que, a escrita revela o que o sujeito pensa ou fala, expressando através da escrita esse pensamento ou a fala. Assim, a escrita é a expressão daquilo que o indivíduo quer dizer, só que por meio das letras.

Em síntese, percebe-se a necessidade de a escola priorizar o ensino da leitura e escrita, condizente com as reais necessidades dos alunos uma vez que essa prática constante possibilita o aluno desenvolver suas capacidades de comunicação, expressão e acesso a sociedade do conhecimento.

A pergunta seguinte foi referente ao método que utilizam para alfabetizar seus alunos, 7ª questão. Os métodos citados foram: método fônico e o método sintético.

Ao serem questionados sobre o porquê da escolha do método, 8ª questão, os professores assim responderam:

P1- *“Porque é aquele que nós professores usamos na nossa realidade de todos os dias”.*

P2- *“Porque é a forma mais compreensiva para alfabetizar na realidade dos alunos”.*

P3- “*Métodos sintéticos, que envolve o alfabético, o silábico e o fônico”.*

P4- “*Método fônico, pois é o melhor para se alfabetizar”.*

Através do questionário percebeu-se também, que os professores possuem pouco ou nenhum esclarecimento sobre a teoria que os fundamenta, pois não sabiam explicar com exatidão sobre método utilizado para alfabetizar seus alunos.

Com relação às alternativas didáticas, Ferreiro (1989, p. 73), afirma que:“Muitos professores declaram utilizar um método misto, que nada mais é, em

realidade, do que uma mistura de elementos recebidos, por tradição de outros que estão na moda e de uma certa dose de intuição".

Sobre a opinião deles em relação ao método tradicional de ensinar, 9ª questão, os professores assim responderam:

P1- *Apesar da inovação o método ainda se adéqua e facilita a alfabetização".*

P2- *Eu ainda acho que ele faz efeito na aprendizagem dos alunos, dependendo de cada aplicador para poder fazer efeito".*

P3- "*Penso que seja válido, mesmo que se tenha que decorar o importante é aprender".*

P4- "*Acho que é um método bom e ainda usado por muitos professores".*

Conforme resposta dos professores, observa-se que o método tradicional de ensinar ainda é trabalhado nas escolas e é considerado bom por muitos professores. Um método centrado na figura do professor, que não valoriza os conhecimentos prévios do aluno e nem incentiva este a criticar e transformar a realidade na qual está inserido não pode ser considerado bom.

Na fala do professor "3" ele associa o ato de decorar com o de aprender, ou seja, não tem noção do que é aprender, pois quem decora esquece com o tempo enquanto que quem aprende leva esse ensinamento por toda vida.

A 10ª pergunta, foi com relação às áreas de dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita. Todos os professores afirmaram que seus alunos têm dificuldades na leitura e escrita e afirmaram que as áreas em que as dificuldades estão mais relacionadas são: Cognitiva (atenção, concentração, memória, linguagem) e Social (família, meio etc)

Segundo Weiss (2000, p. 16): "Os aspectos cognitivos estão ligados basicamente ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognoscitivas em seus diferentes domínios. Inclui-se nessa grande área aspectos ligados à memória, atenção, antecipação".

Quanto à área social, Weiss (2000, p. 18) afirma que: "No diagnóstico psicopedagógico do fracasso escolar de um aluno não se pode desconsiderar as relações significativas existentes entre a produção escolar e as reais oportunidades que a sociedade possibilita aos representantes das diversas classes sociais".

Sobre a contribuição da família enquanto incentivadora de leitura, Vieira

(2015) destaca que:

> No contexto familiar esses níveis estão presentes, pois qual é a criança que ao ser presenteado ou ao conhecer o livro pela primeira vez, não lê com as mãos (leitura sensorial), apalpando o livro, conhecendo-o fisicamente antes de mesmo iniciar a leitura propriamente dita (leitura racional). A leitura nos envolve em todos esses níveis e a família pode utilizar o nível sensorial para incentivar a criança no gosto pela leitura, visto que sempre utilizamos a leitura em diversas situações e com finalidades as mais diversas em nossas vidas.

A criança desde cedo tem os primeiros contatos com a leitura mesmo antes de aprender a ler convencionalmente, ao tocar alguns materiais impressos como livros ou outros materiais estão utilizando os níveis acima citados. Constata-se assim que a leitura envolve toda a estrutura do sujeito, portanto, a família como sendo o primeiro contato social do sujeito tem forte influência sobre ele no que diz respeito ao incentivo pelo hábito de ler.

Referindo-se ao nível sensorial, Vieira (2015) ressalta ainda que:

> O nível sensorial é muito rico para ser explorado no contexto familiar, desde a gestação do bebê, a mãe ao embalar a criança com canções de ninar já estimula o gosto pela leitura. Por que a leitura não é somente o impresso, mas a música, os desenhos todos são modos de leituras que podem ser trabalhadas em família no aconchego do lar.

Portanto, é importante que a família estimule o contato com a leitura desde cedo através dos sentidos dispondo de materiais impressos para a criança manusear, assim estará contribuindo de maneira bastante positiva com sua formação leitora. Vale ressaltar que os rabiscos, os traçados, a música também são espécies de leitura e ajudam de maneira bastante significativa.

O Referencial Curricular de Educação Infantil (RECNEI) destaca que:

> Nas sociedades letradas, as crianças, desde os primeiros meses, estão em permanente contato com a linguagem escrita. É por meio desse contato diversificado em seu ambiente social que as crianças descobrem o aspecto funcional da comunicação escrita, desenvolvendo interesse e curiosidade por essa linguagem (BRASIL, 1998, p. 127).

Nesse sentido, as famílias são grandes incentivadoras da criança com relação à leitura, se esta desde pequena tiver contato direto com materiais escritos e diversos iniciará o hábito de ler e terá mais possibilidade de se tornar um leitor crítico, portanto, cabe à família reservar alguns minutos de seu tempo e dedicar-se àleitura com seus filhos, a fim de que eles adotem em suas rotinas diárias essa prática.

Ainda segundo Vieira (2015):

> A leitura em casa está ligada ao lazer enquanto em outros ambientes formais e estruturalmente rígidos, ela é utilizada como meio de acesso à informação e formação de uma nova visão de mundo. A formação do leitor inicia-se no âmbito familiar e se processa em longo prazo, tendo mediadores como: bibliotecários, professores, e no caso especifico retratado: a família, pois é através da leitura que encontramos a possibilidade de nos instruir, educar e também divertir.

Em resumo, a família como exemplo é uma forte influência para a criança, uma vez que a leitura feita no ambiente familiar com todos os parentes em volta pode despertar na criança o gosto pela leitura, portanto, a formação leitora deve começar no âmbito familiar e continuarna instituição escolar.

Em relação à área física, constatou-se que os professores não a consideram como a área que esteja relacionada com as dificuldades de aprendizagem. Entretanto, conforme Pain (1999, p. 22): “É com o corpo que se fala, se escreve, se tece, se dança, resumindo, é com o corpo que se aprende. As condições do mesmo sejam constitucionais, herdadas ou adquiridas, favorecem ou atrasam os processos cognitivos e, em especial, os da aprendizagem”.

Outra pergunta feita aos professores, 11ª questão, foi a quem eles atribuem as dificuldades de aprendizagem. A tabela 1 a seguir mostra os resultados obtidos. Ressalta-se que os professores poderiam marcar mais de uma opção.

Tabela 1- A quem os professores atribuem as dificuldades de aprendizagem

Ausência da família	4
Mídia	3
Condição social	1
Pobreza	1
Falta de interesse	4

FONTE: (DADOS DA PESQUISA, 2015)

Na tabela acima, verifica-se que a maioria dos professores consideram a ausência da família como um fator que contribui para as dificuldades de aprendizagem durante a alfabetização seguida da falta de interesse dos alunos.

A falta de interesse dos alunos é um problema que tem deixado muitos professores desmotivados em sala de aula, pois é muito complicado ensinar quem não quer, entretanto é importante que a escola desenvolva projetos voltados para

esta temática, mobilizar pais e professores para que juntos possam reverter tal situação.

De acordo com Scoz (1999, p. 71):

> A influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Apesar de o apoio da família ser importante na aprendizagem da criança, é papel da escola criar condições para que o aluno aprenda e desenvolver ações que tragaa família para a escola para que esta participe mais da vida do filho.

Compreende-se que a condição socioeconômica da criança influencia no processo de aprendizagem, mas a escola é fator determinante, sobretudo, a gestão da sala de aula, o que implica na formação do professor, na metodologia, condições estas que compõem o cenário pedagógico.

Conforme se observou, a mídia também foiconsiderada um fator que contribui para os problemas de aprendizagem, segundo Libâneo(2000, p. 72):

> A televisão passa a ser um instrumento cada vez mais poderoso no processo de socialização. Um dos aspectos negativos dessa influência é a passividade e a dependência das crianças prejudicando o desenvolvimento pleno de sua capacidade cognitiva e sócio-afetivas.

Os professores consideram ainda que a pobreza e a condição social dos alunos é um fator que influencia nas dificuldades de aprendizagem. Para Scoz (1999, p. 81):“A pobreza dos alunos aparece como forte determinante dos problemas de aprendizagem”.

Destaca-se que a linguagem privilegiada pela escola é também relevante para desencadear o fracasso escolar, pois as crianças das classes menos favorecidas é diferente daquela privilegiada pela escola, ademais a escola nem sempre leva em consideração os conhecimentos prévios dos alunos.

Essa assertiva é ratificada por Soares (1991, p. 17) quando esta destaca que:

> A linguagem é também o fator de maior relevância nas explicações do fracasso escolar das camadas populares. É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças em grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes lingüísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos lingüísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.

Alguns professores apontaram também a falta de interesse do aluno como um fator que contribui para as dificuldades de aprendizagem e da ausência da família, entretanto, observa-se que pouco a escola faz para chamar os pais para o convívio escolar e, sobre o desinteresse dos alunos, isto também pode ser consequência da metodologia do professor. Portanto, é importante que a escola faça uma análise acerca do seu papel enquanto formadora.

Entretanto, para Weiss (2000, p.23): “É preciso que o professor competente e valorizado encontre o prazer de ensinar para que possibilite o nascimento do prazer de aprender. O ato de ensinar fica sempre comprometido com a construção do ato de aprender, faz parte de suas condições externas”.

A última pergunta foi a quem eles recorriam quando surgiam as dificuldades de leitura e escrita. Os professores foram unânimes ao responder que recorrem à família ou tentam resolver sozinhos com suas próprias estratégias didáticas, pois na escola não há um orientador educacional, nem psicopedagogo, menos ainda psicólogo, portanto, na maioria das vezes tentam resolver sozinhos.

Segundo respostas dos professores, mesmo a família estando ciente das dificuldades que a criança apresenta, muitas vezes, fica omissa e não ajuda o professor, não contribui para o trabalho da escola, que deveria ser em conjunto, para superação das dificuldades.

De acordo com Scoz (1999, p. 143):“O contato com a família pode trazer informações sobre fatores que interferem na aprendizagem e apontar os caminhos mais adequados para ajudar a criança”. É importante orientar aos pais para que compreendam a enorme influência das relações familiares no desenvolvimento dos filhos.

Ensinar a ler e a escrever são tarefas da escolae constituem competências para a formação do estudante como um todo, portanto, cabe à escola propiciar meios para que o aluno desenvolva essas habilidades de forma total. Ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento e se insira no processo de construção do seu próprio conhecimento.

Numa primeira instância, ler e escrever é alfabetizar, levar o aluno ao domínio do código escrito levando em conta o que dizem as atuais pesquisas sobre o processo de alfabetização. Ao alfabetizar-se, o aluno não está apenas transpondo a língua que já fala para um outro código, mas está aprendendo uma outra língua, a

língua escrita, isto porque a língua que se fala não é a mesma que se escreve, havendo, assim, aprendizagens específicas que devem ser consideradas por todos os professores.

O que se deseja é que estudantes, e também professores, possam constituir-se como leitores e produtores de textos. Professores e alunos leitores são capazes de produzir a sua escrita, a sua comunicação no mundo, são a chave de qualquer possibilidade de mudança nas práticas tradicionais e repetitivas de leitura e escrita. Para isso, todos os professores, não só o de Português, mas também os de Geografia, Matemática, História, Música, Ciências, Educação Física, Língua Estrangeira, Literatura, Arte, precisam assumir seu papel de mediadores de leitura e escrita.

O professor deve ser dinâmico e apresentar diferentes tipos de leitura e textos para seus alunos como:poemas, notícias, receitas, paisagens, imagens, mapas, gráficos, símbolos etc. Nesse contexto,estará contribuindo no processo de desenvolvimento da capacidade de interpretação e compreensão não só de textos e/ou livros, mas do mundo como um todo.

Ensinar a ler e a escrever é função da escola, e isso deve acontecer nos vários espaços de que esta dispõe, seja na sala de aula, na biblioteca, no refeitório, em suma, a deve privilegiar o trabalho com a leitura e fazer com o aluno aprenda e faça uso daquilo que leu e aprendeu.

A função da escola em relação à leitura e à escritamudou consideravelmente nos últimos anos e isso exigiu do professor competências e habilidades para lidar como mediador da construção do conhecimento. Nessa perspectiva, é importante investir em cursos de formação continuada para esse profissional e, portanto, este deve estar seguro de seu papel em sala de aula, o de ensinar e aprender sempre.

7 CONCLUSÃO

Compreende-se que a habilidade de leitura é imprescindível ao sujeito, uma vez que possibilita sua participação na sociedade de maneira crítica e ativa. Entende-se que o aluno ao chegar à escola já possui conhecimentos prévios a respeito da leitura, conhecimentos esses adquiridos no contexto familiar, no entanto ao chegar à instituição escolar precisa ser estimulado, a fim de tornar-se apto à leitura, pois a escola é a responsável por sistematizar os conhecimentos trazidos pelos alunos.

É fundamental que o professor estimule o aluno a refletir, questionar, levantar hipóteses, confrontar ideias e não apenas decodificar os signos, pois, a decodificação na verdade é um procedimento que se usa antes de ler convencionalmente. Ressalta-se que a leitura de textos diversos que circulam socialmente contribui de maneira bastante positiva para tornar o aluno um leitor competente.

É preciso que o professor assuma uma postura científica diante de sua área de conhecimento utilizando os instrumentos de que dispõe, a fim de realizar seu trabalho com o máximo de certeza, técnica e fundamentação e ser reconhecido verdadeiramente como profissional.

Por meio do estudo realizado a respeito do fracasso escolar na alfabetização, chegou-se à conclusão de que a prática do(a) alfabetizador(a) é fundamental para se alcançar sucesso escolar geral, pois os primeiros anos ainda são o pilar do processo educativo.

Observou-se, que as práticas incentivam o aparecimento de problemas no processo, privilegiam algumas habilidades e não trabalham outras inerentes à alfabetização.

Evidentemente nem todas as práticas executadas em sala de aula têm as características apontadas nesses exemplos. Muitos são os exemplos e as situações propiciadoras de sucesso, e para todas as crianças. Nesta comunicação, no entanto, ressalta-se tais dados como um alerta a situações similares.

Nas salas de aula são heterogêneas, há diversos níveis de desenvolvimento e, consequentemente, as crianças se apropriam do saber de

maneiras diferentes. Cabe aos professores se conscientizarem de que a prática homogênea não permite o surgimento do sucesso coletivo. Pelo contrário, acirra a discriminação e favorece o fracasso para alguns e o sucesso para outros.

Enfim, pensar e repensar a alfabetização, rever metodologias e enfrentar a própria história. Buscar a compreensão dos porquês e conviver com as angústias de reconhecer aquilo que ainda não se sabe. Aceitar os erros como construtivos. Aceitar o “novo” sem preconceito e não abandonar os acertos já conquistados.

O ponto de partida para esse repensar, buscando com insistência o reconhecimento de teorias que conduzam, de modo competente, a uma prática pedagógica, é restaurar o conceito de ler e escrever e, essa é tarefa urgente.

Afinal, uma aprendizagem descontextualizada, que não valoriza os conhecimentos adquiridos pela criança sobre a língua escrita, que nãobusque despertar o interesse do aluno em compreender e interpretar o código escrito, é seguramente inútil.

Verificou-se, após a análise do questionário aplicado aos professores alfabetizadores, que o fracasso escolar na alfabetização, ainda hoje, faz parte do cotidiano destas, acarretando na maioria das vezes uma aprovação, porém sem os conhecimentos necessários para esta aprovação.

Sabe-se que são inúmeras as dificuldades encontradas ao longo dessa trajetória, não é uma tarefa fácil de ser solucionada, porém não é impossível.

Nesse contexto, são colocadas a seguir algumas sugestões que poderão ajudar a minimizar a situação do fracasso escolar não só nos anos iniciais como em todas as etapas do processo educativo:

- É importante identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, para poder intervir e assim levar os alunos a superar as dificuldades e construir conhecimento;
- Usar da diversidade de materiais impressos, criar um espaço de leitura atraente e agradável, diversificar suas metodologias de ensino, com o intuito de motivar o aluno, fazer com o aluno sinta prazer em ler, levar o aluno a lugares diferentes não se limitando apenas ao espaço da sala de aula.

- O professor deve possuir conhecimentos referentes ao ensino da disciplina e se colocar como exemplo, poistransmite confiança e respeito diante dos alunos;
- Criar maneiras, oportunidades, para que a criança tenha mais contato com o alfabeto, com as palavras, com os textos, isto pode levá-los a entender melhor a pronúncia e a escrita de determinadas palavras, que lhes causam confusão. Explicar a origem das mesmas poderá facilitar esse processo;
- Apresentar as diferentes variações na língua explicando que estas ocorrem de acordo com o tempo, o lugar, o meio etc. e que devem ser respeitadas.
- È importante desenvolver jogos e brincadeiras que despertem a memória e a criatividade da criança, os jogos são recursos importantes e eficientes no processo de aprendizagem.
- É fundamental, ainda, que o professor demonstre paixão pela leitura isso ajuda adespertar no aluno o processo de aprendizagem da linguagem, ou seja, o desejo de querer aprender sempre mais também;
- Trabalhar com obras literárias. Isto pode ajudar no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, pois novas possibilidades e novos olhares sobre um texto vão surgir e despertar ainda mais o interesse do aluno.

Em suma, evidenciou-se diante de todo o exposto que, o processo de alfabetização traz muitas dúvidas a todo momento, por isso o importante é que os professores tenham a sensibilidade para observar e intervir no processo de aprendizagem de cada aluno, estando sempre atentos ao que as novas teorias apontam como possibilidade.

É preciso que os professores estejam abertos ao novo, que se conscientizem de que o método tradicional de alfabetizar centrado na cartilha abrange o uso de uma linguagem padronizada e irreal. Esse fato, é associado a uma ênfase excessiva no treino da ortografia e da gramática que leva a criança a acreditar que a linguagem da escola é diferente da linguagem cotidiana, viva e real.

O mais importante talvez seja que, diante de alunos que apresentem dificuldades nesse momento, ao invés de se pensar “O que fazer com esse aluno?”, se pense “o que é possível fazer para esse aluno avançar no seu processo de aprendizagem?”. A mudança na pergunta pode fazer toda diferença se se acreditar, de fato, que toda criança é capaz de aprender a ler e a escrever.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. G. **Fracasso-sucesso**: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICZ, A. e MOLL, A. (ogs.) 4. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL,**Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

_____, **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesaPCN's**/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores.** MEC/2001.

_____, **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)**. Disponível em: www.qedu.org.br/brasil/ideb. Acesso em: 20/11/2015.

_____, **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização sem o BA – bé – bi – bó – bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: experiências básicas para utilização pelo professor, 25 ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2009.

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: **um diálogo entre a teoria e a prática**.Marlene Carvalho. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1985.

_____, **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed,1999.

FERREIRO, Emília. Alternativas para a compreensão do analfabetismo na região.**Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 21, p. 70-80, jan/jun, 1989.

_____, **Alfabetização em processo.** 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo.**Educação e mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

_____, **Alfabetização**: Leitura da palavra leitura do mundo**.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:**novas exigências educacionais e profissão docente. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACEDO, Adriana Miranda e PINTO, Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves. Problemas de aprendizagem: um olhar psicopedagógico. **Revista Educação**, v. 28, nº 01, 2003.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Alfabetização e letramento na sala de aula.**2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.

MARQUEZAN, Fernanda Figueira e SOUZA, Carmem Rosane Segatto. **Fracasso escolar na alfabetização:** um olhar a partir da Psicopedagogia. Disponível em: ><www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=264#.VIBmBdKrrS1s. Acesso em: 20/10/2015.

MOURA, Tânia Maria de Melo. **A prática pedagógica dos alfabetizadores de jovens e adultos:** contribuições de Freire, Ferreiro, Vygotsky. Maceió: EDUFAL, 1999.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. **Alfabetização:** reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. In: GARCIA, Regina Leite (org). São Paulo: Cortez, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. 1º ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Psicopedagogia e realidade escolar:** o problema escolar de aprendizagem. Petrópolis RJ: Vozes, 1999.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler.4ed. Alegre: Artmed, 2003.

SMOLKA, Ana Luíza. **A criança na fase inicial da escrita:** a alfabetização com processo discursivo. São Paulo: Cortez, 1988.

STIGAR, Robson. **O fracasso escolar segundo a Psicopedagogia**. Disponível em: ><WWW.drb.assessoria.com.br/ofracassoescolarsegundoapsicopedagogia.pdf. Acesso em: 20/10/2015.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2 ed., 11. Reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____, Linguaguem e escola. Uma perspectiva social. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VIEIRA, Letícia Alves. **Formação do leitor**: a família em questão. Disponível em:www.gebe.eci.ufg.br/downloods/308.pdf. Acesso em: 20/10/2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: desenvolvimento dos processos superiores. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WEISS, Maria Lúcia l. **Psicopedagogia clínica:** uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem**.** 7. d. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

YAVAS, et al. Aquisição da linguagem e professor alfabetizador. **Letras de Hoje.** Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 18 (62): 7 31, dez. 1985.

APÊNDICE

APÊNDICE – Questionário aplicado aos professores

Prezado(a) Professor(a)

Estamos solicitando sua colaboração no preenchimento deste questionário que é um instrumento para obtenção de dados para uma pesquisa sobre fracasso escolar na alfabetização.

Sua colaboração é muito importante e, desde já, obrigada por sua participação.

1. Qual a sua formação?
( ) nível médio (normal)
( ) curso superior. Qual?
( ) pós-graduação. Qual?

2. A quanto tempo você atua no magistério?
( ) menos de 5 anos
( ) 5 a 10 anos
( ) mais de 10 anos

3 A quanto tempo você trabalha com alfabetização?

4 Quantos alunos há em sua turma?

5 Quantos alunos da sua turma estão alfabetizados, ou seja, quantos leem e escrevem?

6 Qual a média de idade dos seus alunos?

7 Qual o método que você utiliza para alfabetizar? Escreve sobre ele.

8 Por que você escolheu esse método?

9 Qual a sua opinião sobre o método tradicional de alfabetizar?

10 Assinale em que área(s) as dificuldades de aprendizagem da leitura-escrita estão mais relacionadas:

( ) cognitiva (atenção, concentração, memória, linguagem)

( ) afetiva (agressividade, imaturidade, interesse, socialização)

( ) físico (doenças, deficiências)

( ) social (família, meio...)

11 A quem você atribui as dificuldades de aprendizagem?

( ) Ausência da família

( ) Mídia

( ) Condição social

( ) Pobreza

( ) Falta de interesse

12 A quem você recorre quando surgem as dificuldades de leitura e escrita:

() Orientadora Educacional

( ) Psicólogo

( ) Psicopedagoga

( ) Fonoaudióloga

( ) Ninguém

( ) Aos pais

( ) Nunca houve tais casos

( ) Resolvo sozinha com minhas próprias estratégias didáticas